

A PAISAGEM DO IGARAPÉ DA FORTALEZA (SANTANA – AP) NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Tayane Maria Ferreira **SILLAU**

Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do
Amapá -

UNIFAP e Professora da rede básica de ensino do Amapá.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0745-0285>

E-mail: tayane.melem@ueap.edu.br

Eliane Aparecida Cabral da **SILVA**

Professora do Programa de Pós-graduação em Geografia e do Curso de Licenciatura
em Geografia

da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8526-9863>

E-mail: lianecabral@unifap.br

*Recebido
Março/2026*

*Aceito
Junho/2026*

*Publicado
Junho/2026*

Resumo: O artigo analisa a percepção da paisagem do Bairro Igarapé da Fortaleza, em Santana (AP), sob a ótica de estudantes da educação básica. A pesquisa, um estudo de caso de abordagem qualitativa, envolveu 25 alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, com idades entre 15 e 17 anos. A fundamentação metodológica consistiu em pesquisas bibliográfica e participante, utilizando Rodas de Conversa baseadas em Boyes-Watson e Pranis (2010) como estratégia de coleta de dados. Para a análise e representação dos resultados, empregou-se o recurso de Nuvem de Palavras associado à metodologia de Kernel. Os resultados revelam que os estudantes percebem a paisagem local por meio de elementos antagônicos, como tranquilidade versus movimento, beleza versus desvalorização, lugar bom de conviver versus lugar perigoso; paisagem bonita versus lugar não valorizado. Conclui-se que o bairro se caracteriza como um espaço urbano que preserva uma forte identidade ribeirinha.

Palavras-chave: Paisagem; Geografia; Ensino; Santana-AP.

THE LANDSCAPE OF IGARAPÉ DA FORTALEZA (SANTANA, AMAPÁ, BRAZIL) FROM THE PERSPECTIVE OF BASIC EDUCATION STUDENTS

Abstract: This article analyzes the perception of the landscape of the Igarapé da Fortaleza neighborhood, in Santana (AP), from the perspective of basic education students. The research, a qualitative case study, involved 25 students from the 2nd year of high school at the Igarapé da Fortaleza State School, aged between 15 and 17 years. The methodological foundation consisted of bibliographic and participant research, using Conversation Circles based on Boyes-Watson and Pranis (2010) as a data collection strategy. For the analysis and representation of the results, the Word Cloud resource associated with the Kernel methodology was used. The results reveal that students perceive the local landscape through antagonistic elements, such as tranquility versus movement, beauty versus devaluation, a good place to live versus a dangerous place, a beautiful landscape versus an undervalued place. It is concluded that the neighborhood is characterized as an urban space that preserves a strong riverside identity.

Keywords: Landscape; Geography; Education; Santana-AP

EL PAISAJE DEL IGARAPÉ DA FORTALEZA (SANTANA, AMAPÁ, BRASIL) DESDE LA PERSPECTIVA DE LOS ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN BÁSICA

RESUMEN: El artículo analiza la percepción del paisaje del barrio Igarapé da Fortaleza, en Santana (AP), desde la perspectiva de estudiantes de educación básica. La investigación, un estudio de caso con enfoque cualitativo, contó con la participación de 25 estudiantes del segundo año de la Educación Secundaria de la Escuela Estatal Igarapé da Fortaleza, con edades comprendidas entre los 15 y 17 años. La fundamentación metodológica consistió en una investigación bibliográfica y participativa, utilizando los Círculos de Diálogo basados en Boyes-Watson y Pranis (2010) como estrategia de recolección de datos. Para el análisis y la representación de los resultados, se empleó el recurso de la Nube de Palabras asociado a la metodología Kernel. Los resultados revelan que los estudiantes perciben el paisaje local a través de elementos antagónicos, como tranquilidad versus movimiento, belleza versus desvalorización, un buen lugar para convivir versus un lugar peligroso; paisaje hermoso versus lugar no valorizado. Se concluye que el barrio se caracteriza como un espacio urbano que preserva una fuerte identidad ribereña.

Palabras clave: Paisaje; Geografía; Enseñanza; Santana-AP.

INTRODUÇÃO

No presente artigo investiga-se como estudantes da educação básica de uma escola localizada no Bairro Igarapé da Fortaleza, no município de Santana (AP), compreendem a paisagem local. A opção pela paisagem como linha investigativa justifica-se pela relevância

deste conceito analítico nos estudos sobre espacialidades aplicados a Geografia no Ensino Médio.

A paisagem é uma categoria fundamental da Geografia por representar o contato imediato com a materialidade dos fenômenos. É o nível do "aqui-agora" da experiência sensível cotidiana, proporcionando o primeiro contato com o mundo circundante (Moreira, 2015). Trata-se de um sistema espacial de significações elaborado a partir da assimilação do espaço pelos sujeitos (Santos, 2002). Sob essa perspectiva, configura-se como ferramenta essencial para o ensino de Geografia, pois aproxima o estudante do conteúdo curricular e torna o processo de aprendizagem mais significativo.

A escolha da área do Igarapé da Fortaleza, como recorte espacial do estudo, fundamentou-se na trajetória profissional de uma das autoras, que atuou por nove anos, como professora, na Escola Estadual Igarapé da Fortaleza. Nesse período, observações empíricas e diálogos com a comunidade evidenciaram que expressões como 'vou a Santana' revelavam um distanciamento simbólico, sugerindo que os moradores não se percebiam plenamente como integrantes da área urbana do município. Essa percepção despertou questionamentos sobre como os estudantes compreendiam a paisagem local e quais significados atribuíam a ela, consolidando o ponto de partida desta investigação.

Diante disso, formulou-se a seguinte pergunta de pesquisa: como a paisagem do Bairro Igarapé da Fortaleza, em Santana – AP, é percebida pelos estudantes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza? Como objetivo do estudo propôs-se: analisar como paisagem do Bairro Igarapé da Fortaleza, em Santana – AP, é percebida pelos estudantes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza.

A pesquisa contou com a participação de vinte e cinco estudantes, com idade entre 15 e 17 anos, estudantes da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza e moradores dos bairros que estão no seu entorno. A escolha pela 2ª série do Ensino Médio foi estratégica: devido terem cursado o 1º ano com matriz anterior a implementada com a reforma do Ensino Médio, esses alunos já haviam cursado os conteúdos sobre paisagem (concentrados na 1ª série), portanto, já possuíam compreensão prévia do conceito de paisagem.

Metodologicamente, o trabalho constitui-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa. Segundo Gil (2002), o estudo de caso permite a análise aprofundada de um contexto específico, enquanto a abordagem qualitativa, conforme reiteram Deslandes et al. (2002), ocupa-se do universo de significados e valores que não podem ser quantificados. O delineamento do estudo fundamentou-se nas pesquisas bibliográfica e participante. A primeira, baseada na leitura de livros e artigos (GIL, 2002), sustentou o referencial teórico, ao passo que

a pesquisa participante promoveu a interação direta entre pesquisador e sujeitos. No ambiente escolar, pesquisa participativa permitiu abordagem que estabeleceu uma relação horizontal entre professores e estudantes nas aulas de Geografia, atendendo a uma das intenções do processo de investigação que era deixar os sujeitos mais confortáveis e envolvidos com as questões discutidas.

Como estratégia de levantamento de dados, utilizou-se a Roda de Conversa baseadas na metodologia de Boyes-Watson e Pranis (2010). A dinâmica priorizou o arranjo circular e o uso do 'objeto da palavra', assegurando a conectividade, a igualdade e a presença plena entre os participantes. As figuras 1, 2 e 3 registram o ambiente da sala de aula organizado, a peça central e o objeto da palavra utilizados na roda de conversa.

Figura 1 – Fotografia do ambiente organizado para a roda de conversa



Fonte: Ferreira Sillau (2022).

Figura 2 - Fotografia do ambiente peça de centro



Fonte: Ferreira Sillau (2022).

Figura 3 – Fotografia do Objeto de fala



Fonte: Ferreira Sillau (2022).

Além dos elementos da roda, Boyes-Watson e Pranis (2010) destacam ainda, a importância do papel do facilitador do círculo. Segundo as autoras, cabe a ele assistir o grupo na criação e na manutenção do espaço coletivo no qual cada participante deve sentir-se seguro o suficiente para falar honesta e abertamente sem derrespeitar ninguém. No âmbito ético,

o projeto foi apresentado à gestão escolar, obteve o Termo de Anuência e foi aprovado pelo Comitê de Ética da UNIFAP via o Parecer CEPA nº 5.586.093.

Houve ainda, a construção das nuvens de palavras, que associada à metodologia de Kernel — que atua com focos de calor e classificação por níveis de intensidade — serviu como recurso para representar as respostas apresentadas pelos estudantes nas rodas de conversa.

A metodologia de Kernel foi criada para a representação de mapas de focos de calor com classificação dos níveis de densidades variando de acordo com a cor e tonalidade. No mapa é plotado, por meio de métodos de interpolação, a intensidade pontual de determinado fenômeno em toda a região de estudo e assim, tem-se uma visão geral da intensidade do processo em todas as regiões do mapa (Silva Júnior *et al*, 2021, p. 625) Foi nesse raciocínio que nos baseamos para a construção das nuvens de palavras. Palavras/expressões mais frequentes foram representadas com a tonalidade vermelha e as menos frequentes com a tonalidade verde, seguindo o conjunto de cores dentro do padrão RGB estabelecido previamente, conforme a Figura 4.

Figura 4 - Cores utilizadas para a construção da nuvem de palavras

R 192 G 0 B 0		MAIS FREQUENTE   MENOS FREQUENTE
R 198 G 88 B 6		
R 255 G 192 B 0		
R 34 G 212 B 38		
R 102 G 153 B 0		
R 15 G 93 B 11		

Fonte: Ferreira Sillau (2023).

O artigo está estruturado em Introdução e Considerações Finais e três seções principais: A “Paisagem na Geografia” com a discussão sobre a consolidação e definições atuais do conceito; “Escola Estadual Igarapé da Fortaleza e seu território” onde é descrição algumas características desses locais; “A paisagem local, segundo os estudantes, da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza”, onde é apresentação e análise das definições elaboradas pelos alunos durante as rodas de conversa a paisagem.

A PAISAGEM NA GEOGRAFIA

Na Geografia, conforme destaca Castrogiovanni [et al] (2023), o termo paisagem aparece primeiramente nos estudos dos autores clássicos como os naturalista alemão Von Humboldt (1769 – 1859) Carl Ritter (1779 -1859). Segundo esse autor, esse dois pensadores foram foram os responsáveis por apresentar uma das primeiras definições do termo ao conceberem a paisagem como um fenômeno que tinha como método de estudo a descrição e indicar que era constituída dos elementos físicos do espaço que pudessem ser abarcados com olhos. Trata-se um visão clássica de paisagem que a definia como algo materializado no espaço, e que pudesse ser observada com alcance do olhar, uma paisagem estática e base naturalista.

Suertegaray (2019), destaca que o conceito de paisagem foi se formulando possui a partir da contribuição de fontes distintas: da Ecologia, onde era compreendida como um arranjo de unidades de uso do solo; da Geomorfologia, onde seu estudo baseia-se na ideia de homogeneidade morfológica e; da Arquitetura onde o enfoque dado concentrava-se na relação entre forma, função e processos.

No âmbito das definições clássicas do conceito, destaca-se, ainda, a contribuição da escola russa. Frolova (2001) aponta que a evolução da ciência geográfica na Rússia foi acompanhada pelo desenvolvimento do conceito de paisagem. Surgido inicialmente para atender à necessidade de estudar o extenso território russo, o conceito evoluiu e se bifurcou em duas abordagens distintas no país: *Landschaft* (de origem alemã), com um caráter mais natural e científico, e *paysage* (de origem francesa), com uma conotação mais humana e artística.

Nas discussões mais contemporâneas a visão mais naturalista da paisagem é superada e o conceito passa a ser definido a partir de várias dimensões. Nesse sentido, Sauer (1998 [1925]) afirma que “o termo paisagem é apresentado para definir o conceito de unidade da geografia”, caracterizada por “uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais”. Nas palavras desse autor o “conteúdo da paisagem é encontrado, nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas do seu uso da área, em fatos de base física e fatos da cultura humana” (Sauer (1998 [1925])).

Bertrand (1972), explica que a “paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados”, mas sim, “uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros e fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução” (Bertrand, 1972). Nessa definição não se considera apenas

a paisagem “natural”, mas todas as paisagens, incluindo aquelas com fortes dinâmicas antrópicas.

Denis Cosgrove, na segunda metade do século XX, apresenta uma definição para o conceito de paisagem, que envolve o diálogo entre o espaço geográfico, a cultura e o simbolismo. Corrêa (2010) explica que a paisagem em Cosgrove define-se como “um modo de ver”, associado às transformações econômicas, sociais, políticas, técnicas e artísticas do século XVI e do início do século XVII” [...] e que “pode ser interpretada segundo qualquer aspecto ligado às atividades e crenças humanas, em razão de seu caráter multidimensional” (Corrêa, 2010, p. 12).

Em Sauer, Bertran e Gosgrove, operam o debate sobre a paisagem tendo horizontes teóricos-metodológicos que valorizam as questões simbólicas e culturais. Assim, aspectos da subjetividade presente nos movimentos de interpretação das paisagens assumem força nas definições desse conceito. Muda-se a visão de paisagem como algo materializado no espaço observada com alcance do olhar para uma visão mais integradora, em que ela é resultado das múltiplas dimensões que atuam no espaço, as quais são interpretadas a partir da visão de quem as observa.

Com relação às contribuições brasileiras a esse debate, Milton Santos, define a paisagem como o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza (Santos, 2002). Trata-se de uma leitura da paisagem que a entende como sendo constituída de elementos do presente e do passado, que coexistem agora. Para Castrogiovanni et al. (2023), as paisagens transcendem a dimensão da imagem vista e percebida, sendo constituídas por tensões e (re)equilíbrios. Assim, como conceito analítico aplicado na geografia escolar, viabiliza a expansão do saber geográfico, permitindo que os estudantes ampliem a compreensão sobre a própria realidade em que estão inseridos.

Moreira (2014) reflete que a paisagem é nosso primeiro contato com o mundo, a experiência sensível do 'aqui-agora'. Ela consiste em uma coleção de objetos singulares dispostos em uma extensão, cada um em um lugar distinto. Os objetos se separam por distância, mas se combinam em níveis de escala, criando um arranjo paisagístico unificado. A partir do exposto pelo autor, podemos supor que para ele a paisagem é o que podemos compreender pela nossa sensibilidade da realidade que nos cerca, formado por um conjunto de elementos surgidos ao longo do tempo. Assim, a leitura da paisagem se dá pelo que se vê e pelo que não se vê, sendo que só o fato de ver (ou não) um elemento da paisagem já é uma leitura carregada e significados.

Gomes (2017) apresenta uma análise do conceito que se aproxima da de Ruy Moreira, ao afirmar que o conceito de paisagem nos ajuda a compreender o mundo de outra forma. Nos ajuda a direcionar o olhar e nos ensina a ver o que não vimos, ou que vimos, mas não dávamos importância. Douglas Santos (2018), no artigo intitulado “De volta às discussões sobre o significado de paisagem e outras avenças” o autor define a paisagem como,

[...] um movimento na construção do conhecimento [...] Em outras palavras, paisagem não é o fenomênico na sua pura externalidade em relação ao sujeito, mas a forma pela qual a externalidade se torna “coisa para o sujeito” ou “objeto”, ou, ainda, e com o sentido de complementar o embate, trata-se de uma “categoria do método” e não uma “categoria do fenomênico”. Quando tratamos da paisagem, há de se considerar uma evidente relação entre a presença do sujeito e as formas pelas quais ele percebe o mundo. Nesse sentido, a ideia de paisagem é absolutamente imprescindível. Contudo, os tempos dos elementos que dão materialidade à paisagem podem não ser os tempos do sujeito (Santos, 2018, p. 47).

De modo que para o autor, a forma como os indivíduos percebem e dão significados aos objetos constituintes da paisagem é intrínseca a cada indivíduo. Na presente pesquisa entende-se o conceito de paisagem como a apreensão dos elementos que compõem o espaço geográfico, suas formas, sons, cheiros, cores, e que está diretamente relacionada a um contexto sociocultural aproximando-se das leituras feitas do conceito por Santos (2018) e Moreira (2014).

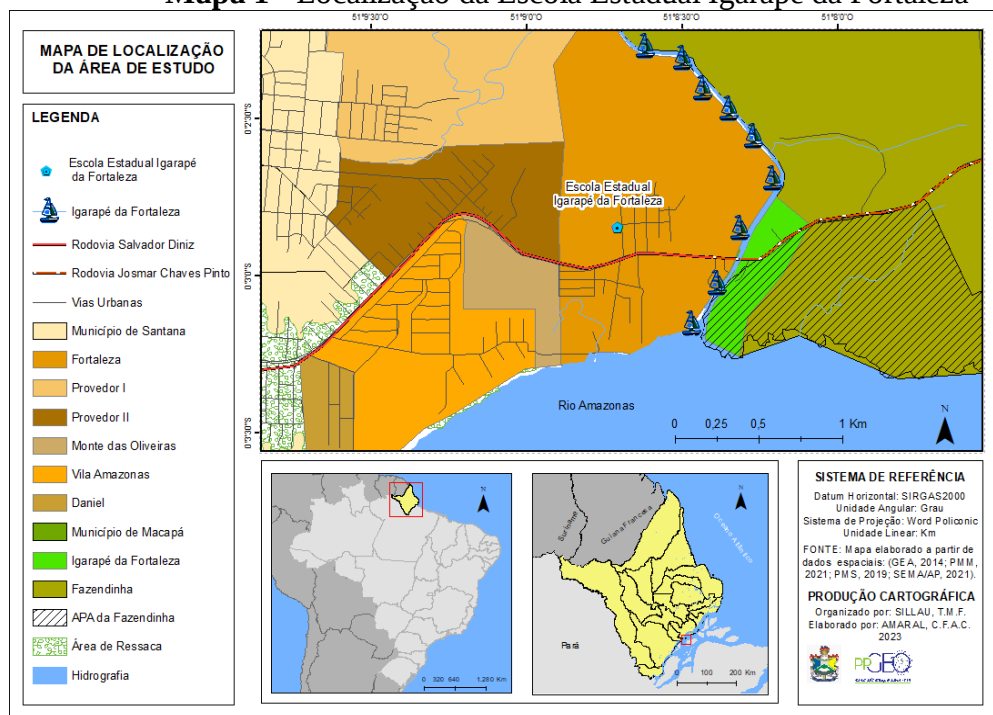
ESCOLA IGUARAPÉ DA FORTALEZA E SEU TERRITÓRIO

A criação da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza resultou de uma antiga reivindicação da comunidade local, iniciada em 1994 e liderada pelo Sr. José Belo Lobato, que solicitava a oferta de Ensino Médio na área, até então atendida apenas pelo Ensino Fundamental (Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, 2018, p. 5).

No entanto, a implantação e o funcionamento da instituição só se concretizaram mediante um conjunto de políticas públicas do Governo do Estado do Amapá, na gestão do Governador João Alberto Rodrigues Capiberibe. Através do Decreto Estadual nº 0438, de 15 de fevereiro de 2001, a escola foi oficialmente criada e denominada. Sua inauguração ocorreu em 21 de abril de 2001, com o início das atividades letivas em 02 de maio do mesmo ano (Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, 2018, p. 5).

A Escola Estadual Igarapé da Fortaleza situa-se na Rua Rio Matapi, nº 121, no bairro Fortaleza, em Santana. Seu nome deriva do bairro homônimo e do igarapé que delimita os municípios de Macapá e Santana, cuja denominação remete às antigas fortificações erguidas na região por ingleses e, posteriormente, portugueses. O Mapa 1 ilustra a localização da unidade de ensino e dos bairros adjacentes, de onde provém a maior parte do corpo discente.

Mapa 1 - Localização da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza



Fonte: GEA (2014); PMM (2021); PMS (2019); SEMA/AP (2021); Organizado por: Tayane Maria Ferreira Ferreira Sillau (2023). Elaborado por: C. F.A. C. Amaral (2023).

É importante destacar algumas características dos bairros que ficam no entorno da Escola Igarapé da Fortaleza, por ser uma área às margens de um rio navegável próximo a capital, e quedá acesso ao rio Amazonas, o fluxo de embarcações transportando pessoas e mercadorias é constante. Muitas famílias moradoras da área possuem relações com comunidades ribeirinhas do Pará. Sobre essa integração regional, Takiyama et al. (2003, p. 83) ressaltam que “a relação com o Estado do Pará não perdeu a sua intensidade mesmo com o desmembramento destas terras para a constituição de um novo Território Federativo”. Tais vínculos históricos e geográficos influenciam a identidade e a circulação no território.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição (2018) apresenta a seguinte definição sobre o bairro onde a escola está inserida:

O bairro Igarapé da Fortaleza tem como característica principal, o setor extrativista, pesca e venda de açaí. A comunidade, na sua maioria, é oriunda das localidades ribeirinhas, que vêm estudar e trabalhar em nosso Estado. Salientamos que, em razão da sua origem humilde, o nosso bairro tem como peculiaridade o trato amável com as pessoas, lembrando aquele jeito interiorano de ser e de viver.

Os moradores da comunidade têm como principal encontro de lazer a Arena da Fortaleza, um lugar das práticas esportivas locais. Existe também um Centro Comunitário, que atualmente está abandonado e que poderia ofertar atividades educacionais e de lazer para os moradores (Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, 2018).

A Figura 5 registra parte da paisagem dos bairros que estão no entorno da Escola Igarapé da Fortaleza e demonstrando um pouco das características dessa região.

Figura 5 – Fotografia do Igarapé da Fortaleza



Fonte: Silva Júnior (2023).

A Figura 5 é uma vista aérea da área localizada no entorno do Escola Igarapé da Fortaleza. Note a parte dos elementos presentes na imagem a presença da Atividade Portuária no Igarapé da Fortaleza realizada por embarcações de pequeno e médio porte (barcos e balsas). Observa-se uma área urbana densa que se estende da margem do Igarapé, com diversas casas e edifícios comerciais. Registra-se na imagem a Rodovia Josmar Chaves Pinto, que conecta as Cidade Macapá-AP e Santana-AP e atravessa parte dos bairros que circundam a escola.

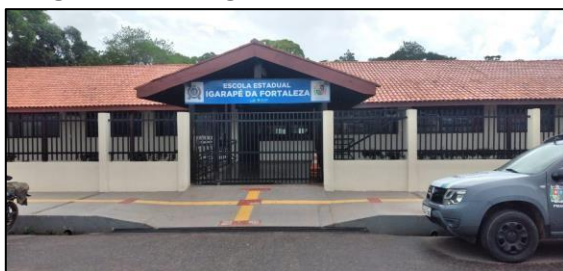
Com relação ao ambiente natural registra-se uma vasta área de floresta tropical densa e vegetação natural circunda a cidade, delimitando o ambiente. O Rio Amazonas, com suas águas turvas e barrentas, está registrado no em terceiro plano do lado esquerdo da figura. Os elementos presentes na foto dão conta de uma realidade, como indicado no Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Igarapé da Fortaleza, de sujeitos que vivenciam uma realidade que o processo de urbanização se faz presente, porém em combinação com práticas que remetem a vida ribeirinha e a realização de atividades extrativistas.

Desde sua inauguração até o ano de 2020 a escola funcionava nos turnos manhã, tarde e noite e atendia os níveis fundamental, médio regular e médio na modalidade de Educação de Jovens Adultos – EJA, com cerca de treze turmas por turno, totalizando cerca de mil estudantes anualmente. À época a escola possuía como espaços utilizados para as aulas, treze salas de aula, laboratório de informática, sala de leitura, biblioteca, AEE, quadra esportiva e piscina.

Em 2020, após audiência pública com a comunidade, a escola passou para o programa de gestão compartilhada entre a Secretaria de Estado da Educação e a Polícia Militar do Estado do Amapá. Com essa mudança, a EJA deixou de ser ofertada, e a escola passou a oferecer somente o Ensino Fundamental nos turnos manhã e tarde e o Ensino Médio no turno da tarde, com quinze salas de aula em cada turno. A mudança de gestão ocorreu no mesmo contexto de reforma da escola, o laboratório de informática foi desativado e a sala de leitura passou a funcionar no mesmo ambiente que a biblioteca, o que possibilitou a ampliação de treze para quinze salas de aula.

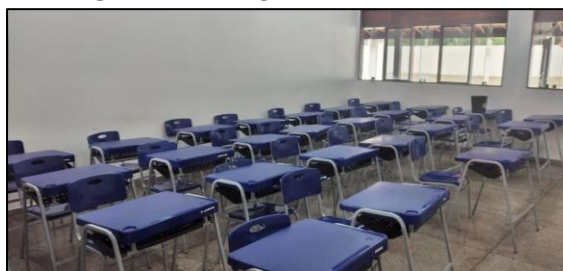
Durante a realização da pesquisa de campo, foi possível notar que a escola possui ampla infraestrutura com ambientes climatizados e mobiliário em bom estado. Nas figuras de 6 a 11 apresentamos imagens que retratam parte da estrutura da escola.

Figura 6 – Fotografia da Fachada da escola



Fonte: Ferreira Sillau (2022).

Figura 7 – Fotografia da Sala de aula



Fonte: Ferreira Sillau (2022).

Figura 08 – Fotografia da piscina



Fonte: Ferreira Sillau (2022).

Figura 09 – Fotografia da Quadra esportiva



Fonte: Ferreira Sillau (2022).

Figura 10 – Fotografia da Biblioteca



Fonte: Ferreira Sillau (2022).

Figura 11 – Fotografia do Refeitório



Fonte: Ferreira Sillau (2022).

A partir da mudança de gestão da escola, foi estabelecido pelo estado um processo seletivo, via cadastro e sorteio, para ingresso de estudantes a partir do 6º ano do Ensino Fundamental. Dessa forma, em 2020 foi aberto edital de ingresso, onde 70% das vagas ofertadas para o 6º ano eram reservadas à comunidade, enquanto os restantes 30% sorteados para a ampla concorrência (Amapá, 2020). Nos anos seguintes o processo seletivo seguiu os mesmos moldes. As vagas das demais séries do Ensino Fundamental, bem como as do Ensino Médio não são disponibilizadas para o processo seletivo, visto que conforme a promoção de série os próprios estudantes da escola as ocupam.

De acordo com informações do Ministério da Educação, disponíveis no aplicativo “Clique Escola” em 2022, a escola possuía vinte e nove docentes lecionando para o Ensino Fundamental e vinte e seis para o Ensino médio, todos com formação em nível superior, contudo durante a realização da pesquisa, pude identificar que a escola não estava com toda sua necessidade atendida, visto que os estudantes do Ensino Médio estavam sem aulas de química e geografia, devido à falta de professores.

A PAISAGEM LOCAL, SEGUNDO OS ESTUDANTES, DA ESCOLA ESTADUAL IGARAPÉ DA FORTALEZA

Nesta seção, apresentamos e analisamos as respostas indicadas pelos estudantes durante as rodas de conversa. A pergunta com qual iniciamos a roda de conversa foi: 'Se você tivesse poderes mágicos, o que mudaria na sua cidade?' Esta pergunta teve como objetivo introduzir a metodologia de forma lúdica. Contudo, as respostas dos estudantes já revelaram leituras significativas sobre a paisagem de Santana – AP, onde se localiza o Igarapé da Fortaleza. Os alunos destacaram carências em infraestrutura, como asfaltamento e saneamento básico, além de demandas em segurança, saúde, transporte público e geração de empregos. Tais aspectos, que impactam diretamente a qualidade de vida local, estão representados na Nuvem de Densidade de Kernel (Figura 12).

Figura 12 - Se você tivesse poderes mágicos, o que mudaria na sua cidade?



Fonte: Ferreira Sillau (2023).

A ausência de pavimentação asfáltica foi o ponto mais citado pelos estudantes. Segundo os relatos, a maioria das vias locais carece de infraestrutura adequada; A estudante Angélica destacou que “mudaria as ruas, porque tem muitos buracos”, perspectiva corroborada por Jenifer ao afirmar que priorizaria a reforma das “ruas esburacadas”. Relacionada a essa precariedade, a estudante Larisse pontuou a necessidade de “tirar o mato da beira da rua”, associando o abandono do espaço público à insegurança, uma vez que “os bandidos se escondem lá”. Ela criticou, ainda, as “construções mal planejadas e acabadas”. Em suma, as falas revelam que os discentes percebem o espaço urbano como esteticamente negligenciado e carente de manutenção.

Ao instigarmos os estudantes a refletirem sobre tais problemáticas urbanas, a estudante Jenifer relatou: “mudaria os hospitais porque falta medicamentos e estão matando até crianças”. Em seu depoimento, explicou que sua filha, de menos de dois anos, estivera hospitalizada semanas antes e que, durante a internação, a escassez de medicamentos foi uma constante.

Temas como fome, pobreza e violência foram recorrentes, manifestados em falas como: “acabaria com a fome, pobreza e com a violência” (Jenifer); “acabaria com a pobreza e com a violência” (Yara) e “não deixaria faltar comida pra ninguém” (Angélica). Tais relatos provocam uma reflexão latente: estariam os jovens atentos à realidade alheia ou expressando a própria vivência da “violência da fome”? A força dos depoimentos sugere a segunda hipótese.

Para além da familiarização da metodologia, esse momento inicial promoveu conexão entre os estudante e funcionou como um espaço de desabafo, onde os relatos foram acolhidos e validados pelo grupo. Na sequência, apresentamos as respostas que os estudantes apresentaram relacioandas ao dialogo proposto sobre a paisagem, como forma de melhor destacar pensamento dos estudantes as respostas foram estruturadas em tematicas os quais cita-se: percepções visuais, auditivas e olfativas sobre Igarapé da Fortaleza; e mudanças percebidas, contrastes entre o bairro e o centro da cidade.

O que vejo no Igarapé da Fortaleza

Indagamos os estudantes sobre o que eles observam da paisagem do Igarapé da Fortaleza, inicialmente explorando-os sobre duas questões a partir de aspectos visuais: **Que aspectos da paisagem do Igarapé da Fortaleza chamam a sua atenção? A partir do que você observa diariamente, como você descreveria a paisagem do Igarapé da Fortaleza?**

Para a primeira questão, a Escola Estadual Igarapé da Fortaleza (“escola militar”), o rio, a rampa (porto do açai), e arena esportiva foram os termos mais mencionados pelos estudantes, conforme indicado na nuvem de palavras da Figura 13.

Figura 13 - Que aspectos da paisagem do Igarapé da Fortaleza chamam a sua atenção?



Fonte: Ferreira Sillau (2023).

Na segunda questão a presença de batedeiras de açai, barcos e a descrição da área enquanto um lugar tranquilo e com paisagem bonita foram os termos mais frequentes nas respostas (Figura 14).

Figura 14 - A partir do que você observa diariamente, como você descreveria a paisagem do Igarapé da Fortaleza?



Fonte: Ferreira Sillau (2023).

Foi interessante observar na resposta a essas duas questões que enquanto alguns estudantes descreveram o lugar, observando mais aspectos ligados a paisagem ribeirinha, outros destacam outros aspectos que apresentam um caráter mais urbano, e houve ainda aqueles estudantes que descreveram uma paisagem que parece combinar aspectos urbanos e ribeirinhos, conforme pode ser notado nos trechos das falas citados na sequência:

Um lugar que tem muitas árvores, bateadeiras de açaí e uma rampa do açaí com bancas de camarão ou até mesmo peixes (Camila).

Tem barcos para passear, várias bateadeiras de açaí, o riozinho para pescar. Mas também um pouco perigoso (Fabiana).

O Igarapé da Fortaleza é um bairro muito tranquilo, tem vários prédios, uma arena, e um comércio chamado mix e tem um lugar perto da rodovia que é muito legal de fazer festa (Patrícia).

É bem movimentado. As casas mudaram muito e começou a chegar muitos moradores e o bairro começou a ficar bastante movimentado (Emília).

Tem um rio com uma ponte em cima dividindo Macapá e Santana, bastante bateadeiras de açaí, com pontes, comércios, barcos, náuticas, escolas, é como um bairro normal e tem bastante mato (Karen).

Hoje tá calmo e asfaltado, as ruas estão mais bonitas, a escola também está mais bonita. Se o bairro tivesse mais atenção, como os outros bairros, seria mais bonito, principalmente pela rampa do açaí (Ester).

Analisando as falas dos estudantes chegamos a conclusão de que apesar dos aspectos da paisagem que chamam atenção deles terem sido praticamente os mesmos (escola, arena, ponte, porto, rio, barcos), a forma como eles enxergam e leemos lugares não é a mesma. Abordaremos mais à frente a conclusão sobre essa reflexão.

Nesses termos, apresenta-se pelos estudantes uma leitura individual, subjetiva da paisagem observada. Trata-se do entendimento apresentado por Santos (2018) ao dizer que na ideia de paisagem deve-se considerar a relação entre a presença do sujeito e as formas pelas quais ele percebe o mundo. Os tempos dos elementos que dão materialidade à paisagem podem não ser os tempos do sujeito, portanto a forma com que estudantes enxergam e leemos lugares não são iguais.

Os sons do Igarapé da Fortaleza

Um outro aspecto explorado foi de como os estudantes compreendem a paisagem da área foi a sonoridade. Foi perguntado a eles: Quais os sons que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza? Em sua opinião por que esses sons são tão presentes no Igarapé da Fortaleza? (Figura 15)

Figura 15 - Quais os sons que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza ?



Fonte: Ferreira Sillau (2023).

A música alta principalmente aos finais de semana e próximo a arena esportiva (campo) foi o termo mais frequente nas respostas. Da mesma forma que nos aspectos visuais enquanto alguns estudantes descreveram sons que remetem a uma paisagem ribeirinha (barcos, sons da maré, pássaros cantando, vento nas árvores) outros destacaram aspectos presentes na paisagem urbana (barulho de trânsito, tiro/briga). Além de questionar quais os sons presentes na área pedimos que os estudantes argumentassem porque esses sons eram característicos do Igarapé da Fortaleza. Para os sons de barcos, náuticas e o barulho da maré os estudantes relacionaram a presença dos rios:

Os sons da água, dos barcos e dos pássaros cantando, o som do vento nas árvores. Os sons são predominantes por conta de ser um lugar que tem muitas árvores, onde tem rios (Camila).

Barcos, máquinas de náuticas, carros. Porque tem rios onde passam os barcos (Karen).

Barco, serra para construir barcos, porque fazem barco aqui (Fagner).

E para os sons de música alta, da arena e carro de som foram dadas as seguintes justificativas:

Os sons que consideram característicos do Igarapé da Fortaleza é a narração, músicas altas. Esses sons são comuns pelo fato de ter jogos nos finais de semana (Elza).

Som de música, tiro, briga. Por causa do campo que sempre tem jogo (Fabiana).

Som de um cara narrando jogo. O som é presente porque todo sábado tem jogo na arena e o cara narra (Hamilton).

Do grupo participante, vinte e quatro responderam sobre os barulhos que eles próprios ouvem. Contudo, houve uma estudante que fez o exercício de imaginar quais sons presentes. Ela descreveu da seguinte forma:

No espaço entre a escola e a arena que são os que eu diariamente frequento, não ouço e nem sinto nada diferente. Porém a noite, imagino que os sons que predominem sejam de som da arena. Narração de jogo e música. Porque são característicos da arena em dias de jogo (Ester).

Ao descreverem o ambiente sonoro do Igarapé da Fortaleza, os estudantes revelam uma paisagem onde ruídos tipicamente urbanos se fundem à sonoridade ribeirinha. Essa sobreposição evidencia a diversidade de relações que compõem o lugar, manifestando-se não apenas pelo visível, mas pela dimensão acústica. Essa realidade dialoga com a perspectiva de TORRES e KOZEL (2010), ao afirmarem que o mundo contemporâneo é constituído por sons de variadas qualidades e intensidades que se sobrepõem aos fluxos históricos, 'superpovoando'

o meio. Assim, a paisagem sonora — seja ela tecnicada ou natural — carrega múltiplas informações que, embora essenciais, frequentemente passam despercebidas, mas quando exploradas revelam muito do espaço vivido.

Os cheiros do Igarapé da Fortaleza

Foi explorado, ainda na compreensão sensorial quais os cheiros que os estudantes conseguiam identificar a partir das seguintes perguntas: Quais os cheiros que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza? Em sua opinião por que esses cheiros são tão presentes no Igarapé da Fortaleza? (Figura 16).

Figura 16 - Quais os cheiros que você considera característicos do Igarapé da Fortaleza ?



Fonte: Ferreira Sillau (2023).

O termo 'lixo' foi o mais recorrente nas falas. Quando somado à frequência das menções a 'fumaça', 'pitiú', 'esgoto', 'poeira' e 'maconha/cigarro', observa-se que 22 dos 25 estudantes descreveram odores predominantemente considerados desagradáveis. Ao justificarem tais percepções, os discentes evidenciaram as dinâmicas locais:

O cheiro é de esgoto, de lixo nas ruas. É presente porque a população não ajuda a melhorar o bairro. (Jéssica)
Gasolina, poeira, pão, fumaça, pitiú de camarão. Os barcos passam e soltam fumaça [...]. Onde moro tem náutica perto e banca de venda de camarão. (Karen)
Peixe, pitiú, gasolina queimada. Porque tem pessoas que trabalham na rua vendendo peixe e camarão. (Fagner)
O cheiro é de fumaça da olaria. Porque é constante [...] pelo fato de fazerem tijolos. (Elza)

Em contraste, o aroma do açaí também emergiu nos relatos, justificado pelo fato de o fruto ser um dos principais produtos desembarcados no porto local, somado à presença de uma fábrica de beneficiamento na área.

Essa diversidade olfativa ratifica a tese de TORRES e KOZEL (2010), para quem o conceito de paisagem representa uma unidade do espaço e do lugar indissociável das percepções sensoriais. Para os autores, cada paisagem é produto e produtora de cultura, composta por formas, cores, movimentos e, sobretudo, cheiros e sons que são experienciados por quem nela se integra ou a interpreta por meio de relatos.

“Vou lá em Santana”

Um outro questionamento que levamos para o diálogo foi sobre a diferença e semelhança do Bairro Igarapé da Fortaleza com o centro da cidade de Santana com a seguinte pergunta: Você considera a paisagem do bairro igual ou diferente do centro da cidade? Por quê? No caso dessa pergunta vinte e quatro estudantes responderam “é diferente”, então questionamos o porquê de eles considerarem diferente (Figura 17).

Figura 17 - Por que você considera a paisagem do bairro diferente do centro da cidade?



Fonte: Ferreira Sillau (2023).

A expressão “lá é mais movimentado” esteve presente nas respostas de treze estudantes e vários pontuaram questões ligadas a urbanização e a disponibilidade de serviços. A distância entre o Igarapé da Fortaleza e o centro comercial de Santana é de cerca de 4,5K m que pode ser percorrido de carro em sete minutos e de ônibus em dez minutos. Ainda, assim, nas respostas de vários estudantes eles se referiam ao “centro comercial” como “Santana”, como pode ser verificado nas falas dos estudantes da sequência:

Pois em Santana existem muitas opções de lojas, supermercados etc., e no bairro são poucas coisas que temos. Também tem um porto aqui onde tem entrada e saída de barcos (Angélica).
Santana é mais evoluída e tem menos natureza que o Igarapé da Fortaleza (Yara).
O estilo das casas e lojas e o cotidiano das pessoas em Santana é mais agitado e aqui tem barcos (Larisse).

Dialogando sobre esse aspecto pediu-se que alguns deles explicasse porque falavam daquela forma “lá em Santana”. A explicação que os estudantes apresentaram foi “A minha mãe falou que antigamente era muito ruim ir pro centro tanto de Santana como de Macapá, havia poucos ônibus e demorava muito. ‘Daqui de perto da escola até a Vila Amazonas não tinha casa, era meio deserto’” (Fagner).

Essa constatação sugere que a persistência do termo 'Santana' para designar o centro reside na oralidade familiar e comunitária: reproduz-se o hábito linguístico herdado de pais e avós. Entre os relatos, destaca-se a resposta de Eduardo, que divergiu do grupo ao comparar o Igarapé da Fortaleza ao centro da cidade, justificando a semelhança pela densidade comercial e pela dinâmica do trânsito.

Sob essa ótica, reafirma-se a tese de Castrogiovanni et al (2023), de que o fenômeno deve ser compreendido como uma produção cultural sendo resultado e consequência das relações socio-históricas que moldam aquele território. As convergências e contrastes observados pelos estudantes entre o bairro e o centro de Santana refletem tanto os vínculos históricos estabelecidos por seus familiares quanto a própria lógica da produção do espaço urbano em regimes capitalistas, nos quais a desigualdade socioespacial é uma característica estruturante

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dialogar em sala de aula sobre as categorias basilares da Geografia é parte do processo de aprendizagem, porém, entende-se que o objetivo maior está em proporcionar ao estudante a construção do pensamento crítico e significativo tendo as categorias como método de compreensão da realidade. Desse modo, acredita-se que o foco da Geografia escolar deve estar menos na definição conceitual de passagem e na utilização do conceito com uma ferramenta de leitura da realidade, ou seja, a paisagem funciona como um recurso intelectual capaz de mediar o conhecimento a partir de seus conteúdos.

Esse artigo tratou de compreender como estudantes do Ensino Médio de uma escola pública da educação básica apreendem a paisagem do bairro Igarapé da Fortaleza, localizado no município de Santana-AP. Como resultados, as falas dos estudantes descreveram a paisagem da área do Igarapé da Fortaleza a partir de elementos antagônicos como: lugar tranquilo/ lugar movimentado; lugar bom de conviver / lugar perigoso; paisagem bonita/ lugar não valorizado; barulho de trânsito / barulho de barcos; sons da maré, vento, pássaros/ carro de som, tiro, briga; camarão, peixe, açaí / esgoto, fumaça. Além disso foi possível identificar nas falas fortes

aspectos ribeirinhos como a presença de barcos, pontes de madeira e a existência de uma paisagem natural, nas palavras dos estudantes.

Com base nisso identifica-se que existem aspectos específicos que segundo os estudantes caracterizam a paisagem do Igarapé da Fortaleza a partir de espaço urbano que carrega em si também uma identidade ribeirinha. Assim, a leitura da paisagem do bairro possibilitou um entendimento dos objetos e relações, uma forma desses sujeitos se perceberem no interior dos processos e de como se movimentam dentro dele a partir da identidade que transita entre a urbana e a ribeirinha.

Diante dos relatos, concluímos que o Igarapé da Fortaleza não apresenta uma, mas variadas paisagens: Paisagem da Escola Militar, Paisagem da violência, Paisagem do abandono e da poluição, Paisagem da organização comunitária, Paisagem do trabalho, Paisagem do lazer e Paisagem do passado. Cada uma delas expressando elementos e relações próprios.

Por fim, e perante dos resultados alcançados cabe ressaltar-se a importância do componente curricular Geografia, que possui como objeto de estudo o espaço geográfico e assim tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento do raciocínio crítico pelos estudantes para que possa perceber e analisar a realidade que os cercam.

REFERÊNCIAS

BERTRAND, G. **Paisagem e Geografia Física Global**: esboço metodológico. Tradução: Olga Cruz. São Paulo: USP-IGEOG, 1972. (Cadernos de Ciências da Terra, n. 43).

CASTROGIOVANNI, A. C. *et al.* **Paisagem**: importância na leitura das espacialidades: fazendo e acontecendo no ensinar e aprender geografia. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2023.

CORREIA, R. L. Denis Cosgrove—a paisagem e as imagens. **Espaço e cultura**, n. 29, p. 7-21, 2010.

FROLOVA, M. Los orígenes de la ciencia del paisaje en la geografía rusa. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 5, n. 102, 2001. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/sn-102.htm>. Acesso em: 20 jan. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GOMES, P. C. C. **Quadros geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2015.

SANTOS, D. De volta às discussões sobre o significado de paisagem e outras avenças. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 39-52, ago. 2018.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SILVA JÚNIOR, O. M.; PAIVA, P. F. P.; NASCIMENTO, A. N. T.; BRAGA, T. G.; BAIA, M. M. Análise dos focos de calor no estado do Amapá entre os anos de 2017 a 2020. **Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais**, v. 12, n. 9, p. 622-631, 2021.

SUERTEGARAY, D. M. A. Epistemologia e autonomia da geografia brasileira aplicadas à análise das dinâmicas da paisagem? **Geografia**, v. 44, n. 1, jan./jun. 2019.

TAKIYAMA, L. R.; SILVA, A. Q.; COSTA, W. J. P.; NASCIMENTO, H. S. Qualidade das Águas das Ressacas das Bacias do Igarapé da Fortaleza e do Rio Curiaú. In: TAKIYAMA, L. R.; SILVA, A. Q. da (org.). **Diagnóstico das Ressacas do Estado do Amapá**: bacias do Igarapé da Fortaleza e Rio Curiaú. Macapá: CPAQ/IEPA; DGEO/SEMA, 2003.

TORRES, M. A.; KOZEL, S. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos. **Revista RA'E GA**, Curitiba, n. 20, p. 123-132, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/download/20616/13762/74064>.